

OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DA COMPANHIA DE JESUS E A EDUCAÇÃO

Paulo Romualdo Hernandez
Universidade Federal de Alfenas

RESUMO:

Nesse artigo abordo sobre a transformação histórica que passou Ignácio de Loyola, o mentor e fundador da Companhia de Jesus, sua passagem de cavaleiro do rei para cavaleiro de Jesus e, nessa trajetória, a elaboração dos *Exercícios Espirituais*. Traz ainda a forte relação dos *Exercícios* com a organização e fundação da Companhia de Jesus. Trato também da influência exercida pelos *Exercícios Espirituais* na educação dos primeiros jesuítas, assim como para o povo.

Palavras-chave: Exercícios Espirituais, Companhia de Jesus, educação do povo

THE SPIRITUAL EXERCISES THE COMPANY OF JESUS AND THE EDUCATION

ABSTRACT:

This article approaches about the historical transformation that passed Ignacio de Loyola, the mentor and founder of the Company of Jesus, and his passage of knight of the king to knight of Jesus and, in this trajectory, the elaboration of the Spiritual Exercises. It still brings the strong relationship of the Exercises with the organization and foundation of the Jesus' Company. The text approaches also the influence exerted for the Spiritual Exercises in the education of the first Jesuits, as well as for the people.

Key-words: Spiritual Exercises, Company of Jesus, people education.

Introdução

Quando mencionamos algo sobre a Companhia de Jesus e a educação, quase que imediatamente nos vem à mente a educação formal, escolar, as idéias pedagógicas da *ratio studiorum*, a educação disciplinar descrita por Foucault principalmente em *Vigiar e Punir*. Nesse artigo, no entanto, pretendo falar de outra forma de educação, a dos cavaleiros de Jesus, do povo¹, que tem a ver com os objetivos a que se propôs essa ordem religiosa no seu surgimento, em 1534, antes mesmo de sua instituição regulamentar, pelo conselho de cardeais e pelo Papa Paulo III, em 1540. A Companhia de Jesus surgiu na Europa em um período de intensa crise pela qual passava a Igreja Católica, e, tem como principal objetivo formar guerreiros espirituais para re-educar o homem do povo do velho mundo, na moral cristã, católica e sobretudo ajudá-lo a escapar das idéias “peregrinas”. Assim como, educar o homem do novo mundo (o infiel como os jesuítas o chamavam), a fim de trazê-lo para a fé cristã, para a Igreja Católica. Os primeiros jesuítas contavam com uma arma poderosa para a sua própria formação, como para a educação do povo, os *Exercícios Espirituais*. Método sistemático e rigoroso desenvolvido pelo mestre Ignácio de Loyola, idealizador da Companhia de Jesus, quando ele, justamente, irá se transformar em um guerreiro espiritual na luta contra os inimigos da Igreja Católica – sua primeira missão seria libertar Jerusalém das mãos dos turcos. Os *Exercícios Espirituais*, creio que é possível dizer, são o embrião e estão na raiz da Companhia de Jesus, tanto na educação inicial dos jesuítas como no

método de educação cristã para o povo (ainda hoje os *Exercícios Espirituais* são forte instrumento de formação cristã).

O leitor terá nesse artigo uma rápida passagem pelo momento histórico, no que diz respeito a religião, por que passava a Europa no início do século XVI e uma apresentação dos *Exercícios Espirituais*. Então, volto ao passado para falar de Ignácio de Loyola e sua formação espiritual, o momento em que decide tornar-se um peregrino, para salvar Jerusalém, primeiro a terrestre, mais tarde a celeste das mãos dos inimigos. No percurso, para a salvação da Jerusalém terrestre e celeste, é que formulará os *Exercícios Espirituais*. Depois apresso, como a aplicação dos exercícios foram importantes para a reunião dos primeiros companheiros, e, as dificuldades que trouxeram para Ignácio e esses companheiros com o tribunal da Inquisição, quando aplicados ao povo. Problemas estes que o levaria a Paris e ao encontro com seus novos companheiros, principalmente Francisco Xavier e Pierre Favre no colégio Santa Bárbara e daí ao nascimento da Companhia de Jesus. Surgimento de uma ordem religiosa que teve ao longo da história importantes apologistas ou detratores ao seu trabalho de formação do povo, seja ele do velho ou novo mundo. E, que de maneira alguma pode ter negligenciada sua importância histórica religiosa, política e literária, como também no que diz respeito a educação (cf. Jaime Balmes, 1849, citado por Wright, 2006, p. 11).

Os Exercícios Espirituais

Ignácio de Loyola ferido no cerco a Pamplona, no ano de 1521, não mais poderia ser um cavaleiro do Rei, seria então um cavaleiro de Cristo. Para tal tornou-se um peregrino, sentindo na pele os anseios e a fé, sobretudo popular, da arraia miúda. Parece ter percebido o desencanto dos fiéis com a Igreja Católica, mas não com a fé no cristianismo, aliás, é o contrário que se sente quando se lê a autobiografia de Loyola, a crença em Cristo e em sua obra, em alguns lugares parecia beirar a loucura, levando os fieis a um desejo não pelo surgimento de uma nova Igreja, mas para a restauração da Igreja Primitiva (a Igreja dos mártírios, dos sacrifícios). O tempo é de total fervor religioso (Febvre, 1968, p 27). Peregrinos, romeiros circulavam pela Europa com o desejo, como de Ignácio, em ir a Jerusalém e fazer o caminho da Cruz, ou visitar os santuários espalhados pela Europa. Relíquias e mais Relíquias de santos e mártires devidamente honrados e festejados pelos fiéis em festas religiosas. Obras *d'A Vida de Cristo*, ou *Legenda Áurea* se popularizavam em línguas vernáculas com o desenvolvimento da imprensa. O livro de horas com imagens da vida de Cristo, da via sacra era livro de "bolso" dos cristãos. Predicadores anunciavam *O Apocalipse* de São João por todos os lugares. As confrarias de santos e mártires levavam à cena os mistérios, milagres, sacrifícios, nas praças, dentro de Igrejas ou em seu adro, nas cidades que aumentavam dia a dia com o ressurgimento do comércio. A Paixão de Cristo era vivida intensamente com dor e sofrimento pelos fiéis. Lúcifer, Satanás estavam prontos a devorar os pecadores nos sermões, nos afrescos e vitrais, no teatro, nas terras do Oriente. O Rosário da Virgem sendo rezado com fervor em honra e amor a Mãe de Deus (cf Febvre, 1968, p 26). Festas religiosas para todos os santos. Penitentes se auto mutilavam frente à multidão nas procissões. Pecadores amarrados e seguindo em fila eram denunciados em alta voz e disciplinados em público.

Era preciso nesses tempos babilônicos, “morrer para não morrer” (cf. Santa Tereza D’Avila, 2001), promessa ambígua - não viver para viver eternamente, vivendo em um mundo espiritual, de imaginação, sonhos e representações, para escapar das tentações do mundo material (cf. Bataille, 1988). Para morrer, ou seja, conseguir deixar a vida material, a Babilônia e viver espiritualmente, na Jerusalém Celeste, Ignácio de Loyola criou um

método rigoroso, *os Exercícios Espirituais*, extremamente sedutores, de como conduzir os praticantes a uma vida interior, em que demônios e santos disputam-lhe o espírito, em um drama, cujo vencedor é, obviamente, a divindade, tal qual apreciaríamos mais tarde no teatro jesuítico. Na verdade luta também ambígua, já que Satanás e os santos lutariam pelo mesmo fim: salvar a Igreja Católica.

Os *Exercícios Espirituais*, segundo o próprio Loyola, seriam:

Qualquer modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mentalmente, e outras operações espirituais [...] Pois assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais, da mesma forma se dá o nome de Exercícios Espirituais a todo e qualquer modo de preparar e dispor a alma, para tirar de si todas as afeições desordenadas e, afastando-as, procurar e encontrar a vontade divina, na disposição da vida para a salvação da alma (Loyola, 1966, p. 13).

O principal objetivo dos *Exercícios Espirituais* seria levar o praticante a um encontro e diálogo com Deus. Diálogo conseguido a partir da transformação do exercitante em uma personagem a viver (enquanto representação) a História da Salvação do povo de Deus, por meio de exercícios metódicos e rigorosos para o espírito, tal quais os soldados faziam para o corpo, e encontrar-se (em um palco imaginário) com as divindades. Ao construir esse método Ignácio parece ter ido ao encontro do desejo de cristãos que viviam a crise religiosa intensa do século XVI, o de fazer vir à cena o sedutor mito do cristianismo primitivo (Febvre, 1968, p. 26), o sacrifício de Cristo, e mais do que isso, promover um encontro do fiel com esse sacrifício fazendo-o sentir-se um ator dessa história.

Os exercícios seriam realizados em quatro semanas. A primeira tarefa para o exercitante, primeira semana, lembrar dos pecados, seus, da humanidade, e até mesmo de Lúcifer para, com orações, colóquios, penitências (interior e externa) e arrependimentos, purgar-se deles. Descer aos infernos para ver, sentir na pele, ouvir os gritos, sentir o gosto, o odor do sofrimento das almas dos pecadores, com os sentidos da imaginação, era uma das tarefas a ser cumprida pelo exercitante. Deveria, então, fazer exercícios de imaginação procurando lembrar, chorar, pedir perdão por todas as suas faltas cometidas contra Deus. Mas, para purgar-se dos pecados, seria preciso ir além da imaginação, o exercitante deveria fazer adições aos exercícios.

As adições ensinam o exercitante a preparar-se para a cena: pensar ao levantar o que se vai fazer durante o dia, pensar nos pecados e imaginar-se acorrentado: preso como que por grilhões, apresentando-se diante do Juízo Eterno; considerar como Deus olha para o exercitante e então fazer reverência e humilhar-se. Ficar ora de joelhos, ora prostrado por terra, com o rosto voltado para o céu, após os exercícios, pensar no que se fez, refazer mentalmente para saber se foi bem feito, arrepender-se se errou; não pensar em coisas agradáveis, pois na primeira semana tem-se que sentir pesar, dor e lágrimas. Privar-se de qualquer claridade, fechando janelas e portas enquanto estiver no quarto; não rir nem dizer coisa que provoque riso. Refrear a vista (Hernandes, 2007, p. 69).

Nas adições da primeira semana estão também as penitências:

Penitência interna ou externa - doer-se de seus pecados internamente, externamente castigar-se pelos pecados cometidos. Castigos praticados de

três maneiras: 1^a. subtrairmos do conveniente para nos alimentar, o suficiente para não morrer; 2^a. quanto ao dormir, suprimir o que é conveniente; 3^a. castigar a carne, causar-lhe dor sensível, o que se tem usando cilícios, cordas ou barras de ferro sobre as carnes, flagelando-as ou ferindo-se ou usando de outras asperezas. Nota: as penitências externas se praticam visando principalmente três efeitos: 1^o. satisfação pelos pecados passados; 2^o. vencer a si mesmo, fazendo com que a sensualidade obedeça a razão e que todas as tendências inferiores estejam sujeitas às superiores. 3^o. procurar e conseguir alguma graça ou favor que a pessoa quer e deseja...(Loyola, op. cit., p67).

Para Barthes (1979), o que deseja Loyola (na primeira semana), seria neurotizar o exercitante a fim de que ele concentre-se nas imagens, memórias, vontades do espírito, obviamente vontades cristãs e se afaste de qualquer outro pensamento que o desvia dessa busca interior. Pois, é necessário renascer o espírito purificado, purgado, não somente dos pecados, mas de outras manifestações, lembranças, imagens... para que o exercitante possa ser iluminado e com isso viver a cena da segunda semana imaginando a natividade e vendo os lugares por onde Cristo passou, viveu e pregou. E, purgado, poder fazer a justa escolha com Cristo, no batismo.

O praticante deveria iluminar o espírito com Cristo menino, na segunda semana de exercícios. Acompanhar Jesus e seus pais por onde eles estiveram, ouvir-lhe as pregações (caso o exercitante desconheça as palavras de Jesus, o diretor espiritual pode falar-lhe doce e suavemente), sofrer com Ele no deserto. No final da segunda semana está localizado o momento central (segundo Barthes, 1979, p. 52) dos exercícios em que o praticante deve proceder à escolha entre o que é bom para a vida cristã, ou identificar as seduções do espírito mau. Quem assinala (diálogo mântico) o que é bom ou mau, no entanto, é Deus, (Cristo e Nossa Senhora são mediadores entre os homens e Deus Pai, nessa missão) imprimindo diretamente no espírito qual decisão o fiel tem a tomar. Na eleição, o exercitante deve imaginar duas bandeiras postas à sua frente, uma a do caudilho de todos os tempos, sentado em trono de fogo e fumaça, com seu exército de demônios, prontos a se espalharem por toda a terra (Babilônia). Na outra, Nosso Senhor em um campo humilde e gracioso, em Jerusalém, com seu exército de santos e apóstolos (cf. Loyola, 1966, p. 93).

Segundo Loyola (1966, loc. cit) para que o exercitante possa eleger a bandeira de Cristo e lhe seja concedido essa graça é preciso que ele deseje mais do que a pobreza, humildade, tem na verdade que ser indiferente as coisas (materiais). O praticante tem que ser um ser de sonho. Mas, até que ponto se pode ser indiferente a vida real, material? Quantas lágrimas posso derramar em louvor de Nossa Senhora? Está aí uma boa eleição que a divindade através de uma *semifonia*, no dizer de Barthes, é quem pode responder, desde que o fiel esteja pronto para entender (discernir, diz constantemente Inácio) essa linguagem de sinais emitidas pelas divindades, que acontece em seu espírito, atualmente, na sua consciência.

Na terceira semana, estando purificado, e, com a devida escolha feita, o exercitante pode dialogar (identificar os sinais emitidos por Deus ou aqueles que são na verdade seduções, artimanhas do espírito mau) com as divindades. Deve então, viver a Paixão de Cristo em toda sua extensão de dor corporal e espiritual. Se a escolha é o ponto central dos exercícios, na visão de Barthes, a terceira semana é o momento da entrega total do ser à vida cristã, unir-se a Cristo em seu sacrifício como um servo, sentir com Ele o seu calvário e crucificação. No primeiro dia contemplar:

1º. preâmbulo: recordar a história, como Cristo enviou de Betânia a Jerusalém dois discípulos, para prepararem a Ceia. Como ele se dirigiu até lá com os outros discípulos, como lavou os pés de seus discípulos após receber o cordeiro pascal e a ceia. Como Judas foi vender o seu Senhor. 2º. preâmbulo: ver o lugar e considerar o caminho de Betânia a Jerusalém, também o lugar da Ceia. 3º. preâmbulo: Pedir o que quero: será aqui dor, sentimentos e confusão, porque por meus pecados vai o senhor a paixão (Loyola, 1966, p 121).

Para fazer os exercícios sobretudo dessa semana, Loyola sugere algumas regras quanto a alimentação. Resumida na regra número quatro: “para o bem deve-se encontrar a temperança isto é o meio termo para o comer e o beber a fim de estar apto a fazer os Exercícios Espirituais da terceira semana" (Loyola, 1966, p 132). Um bom exemplo para a temperança, a medida exata para comer e beber deve vir de Cristo Nosso Senhor: "enquanto a pessoa toma a refeição, ver a Cristo Nosso Senhor fazendo a refeição com seus apóstolos, e como toma a bebida, como olha, como fala; e procure imita-lo"(idem).

Momento que deveria mesmo ser sublime na vida de um exercitante, religioso, ou qualquer fiel, concentrar-se de tal forma a conseguir mentalmente representar a ceia de Jesus com seus apóstolos para poder imita-los no comer e beber (Hernandes, op. cit, p 70).

E, então, estar preparado para viver com Cristo o sacrifício na Cruz. Martírio docemente e insignificamente enunciado pela voz suave de um guia espiritual, em um quarto escuro, para um praticante inerte, deitado no chão frio, sentindo no corpo, ainda, as dores do cilício que cortou-lhe as carnes.

Finalmente o exercitante pode participar, alegremente, da Ressurreição de Cristo, na quarta Semana, e renascer com Ele. Ver Cristo descendo ao Inferno, para tirar de lá a alma dos justos (Adão e Eva, responsáveis pela queda da humanidade, são resgatados por Cristo e levados para a Jerusalém Celeste, simbolizando o resgate de todos os homens, verdadeiramente arrependidos, purgados dos pecados). Vê-lo aparecendo para sua Santa Mãe, em sua casa. Ver o Santo Sepulcro. Pedir graça por “me alegrar e sentir intenso gozo”. Contemplar todas as aparições de Cristo até sua ascensão.

Em notas para a quarta semana de exercícios, Loyola comenta que algumas adições devem ser diferentes das outras semanas, afinal o momento é de graça:

4ª. Nota Nesta quarta semana não de mudar-se a segunda adição: por diante de mim a contemplação querendo sentir afeto e alegria por tanto gozo e alegria de Cristo. A sexta: aplicar a memória e pensar em coisas que causem prazer, alegria e gozo espiritual, como, por exemplo a glória. A sétima: utilizar a claridade e as coisas agradáveis da estação, como frescor no verão ou sol e calor no inverno, na medida em que a alma pense ou suponha poder auxiliar-se com isso, para se alegrar em seu Criador e Redentor. A décima: em vez de penitência, procure a temperança e o meio termo em tudo, caso haja preceitos de jejum ou abstinência de determinados pela Igreja, pois esses, não havendo justo impedimento, sempre se não de cumprir (Loyola, 1966, p140).

Finalizada as quatro semanas em que o exercitante está apto a viver espiritualmente, como deve ser a vida cristã, Loyola sugere ainda contemplações para o exercitante alcançar amor em sua vida diária. O quarto ponto dessa contemplação pode dar uma idéia geral dessas sugestões:

4º. ponto. Olhar como todos os bens e dons descem do alto; como o meu limitado poder provém do sumo e infinito poder do alto; bem assim a justiça, a

bondade, a piedade, a misericórdia etc. , tais como do sol descem os raios, da fonte as águas etc. Depois terminar, refletindo em mim mesmo, segundo se disse. Acabar por um colóquio e um Pai-Nosso (Loyola, 1966, p 148).

O que propôs Loyola com seu manual de *Exercícios Espirituais*, para seus discípulos ou para quem deseja ser um cristão verdadeiro, seria um meio que leve o praticante à uma profunda e intensa *experiência interior*. Experiência conduzida *pela tensão do discurso*, enunciado nas letras de Loyola, ou na voz dócil e insignificante de um guia espiritual. Discurso composto por enunciados diretos, com sentido material que levam o praticante a viver interiormente uma dramatização.

...o enunciado não é nada, senão um meio, e ainda, não somente meio, mas obstáculo; o que conta não é mais o enunciado do vento, é o vento. Neste ponto, vemos o segundo sentido da palavra dramatizar: é a vontade, acrescentando-se ao discurso, de não se ater ao enunciado, de se obrigar a sentir o gelado do vento, a estar nu. Daí, a arte dramática, utilizando a sensação não discursiva, esforçando-se a bater, para isso imitando o ruído do vento e tentando gelar - como contágio: faz o personagem no palco tremer (o filósofo prefere cercar-se de sinais narcóticos do que recorrer a estes meios grosseiros). A este propósito, é um erro clássico consignar os *Exercícios* de Santo Inácio ao método discursivo: eles se remetem ao discurso, que regra tudo, mas de um modo dramático. O discurso exorta: representa-te, diz ele, o lugar, os personagens do drama, e coloca-te aí como sendo um deles; dissipa - concentra para isto tua vontade - a estupidez, a ausência, às quais as palavras inclinam. A verdade é que os *Exercícios*, que são na sua totalidade horror do discurso (da ausência), tentam remediar isso pela tensão do discurso, e que muitas vezes o artifício fracassa (por outro lado, o objeto de contemplação que eles propõem é sem dúvida o drama, mas aliciado nas categorias do discurso, longe de Deus sem forma e sem modo dos Carmelitas, mais do que os Jesuítas, sedentos de experiência interior) (Bataille, 1992, p 21)

Cristo ensina, expresso em seu corpo doloroso e quebrantado, na dolorosa imagem que vem a mente do exercitante, de sua crucificação, não nas belas palavras do discurso, o que o fiel deve fazer para salvar a alma, para a vida eterna, escapando do inferno. Método rigoroso em que o praticante vivencia como drama interior, enunciado pelo discurso preparado pelo manual, pelas regras, adições, penitências, enunciados nos Exercícios Espirituais, os pecados contra Deus, seus e da humanidade, para poder penitenciar-se, purgar-se deles, e assim poder ser escolhido para a vida divina. Para que viva o nascimento e o batismo de Cristo, entregando-se totalmente à Vontade Divina no momento de escolher a vida cristã. Sofra e seja dilacerado, quebrantado, juntamente com Cristo, na Paixão, em um quarto escuro, e, possa renascer como um verdadeiro cristão, na Ressurreição. Experiência, vivida no corpo e na alma, que teria como objetivo, segundo Loyola, tornar o fiel indiferente à vida material, princípio e fundamento da criação do homem:

Princípio e Fundamento: o homem é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor e mediante isto salvar sua alma. As outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem e para o ajudarem na consecução do fim para o qual é criado. Daí segue que o homem há de usá-las tanto quanto o ajudem para seu fim, e há de desembaraçar-se delas tanto quanto o impedem para o mesmo fim. Por isso, é necessário fazer-nos indiferentes a todas as coisas criadas, em tudo o que é permitido à nossa livre vontade e não lhe é proibido, de tal maneira que não queiramos - de nossa parte - antes saúde que enfermidade, riqueza que

pobreza, honra que desonra, vida longa que vida breve, e assim em tudo o mais desejando e escolhendo somente o que mais nos conduz ao fim para que somos criados.(Loyola, 1966, p 31 e 32).

Sendo indiferente às coisas materiais, “morto por não morrer”, o exercitante estaria apto a tornar-se um cavaleiro de Jesus e poderia juntar-se a Cristo e ao seu exército de santos e apóstolos na luta contra os inimigos de Deus, da Igreja Católica. Que teria com esses exercícios e com essa Ordem Religiosa, resgatada sua imagem, crença primitiva. Luta espiritual e não material.

As letras do manual de *Exercícios Espirituais*, ou a voz dócil e insignificante de Loyola (dos diretores espirituais) “povoariam” a mente do exercitante de imagens, seriam enunciados que produziriam no espírito do praticante uma dramatização, representação interior, fantasia consciente dos pecados, do Nascimento de Cristo, da Paixão.... Para que ele pudesse reviver como drama em sua consciência e no corpo, o martírio e sacrifício da Igreja primitiva. A própria divindade, Cristo, por exemplo, é quem revelaria, com sua presença na Cruz (contando com a imaginação, memória, entendimento, vontade e com os sentidos interiores do praticante) as dores de seu sacrifício, de sua morte violenta, para as lágrimas, consolações do exercitante, do fiel. Essas imagens que povoariam a mente do praticante seriam, segundo Barthes (1979):

por natureza dêitica; designa, não define; há sempre nela um resíduo de contingência que apenas pode ser apontada com o dedo. Semiologicamente, a imagem leva sempre mais longe do que o significado, rumo a pura materialidade do referente. Inácio segue sempre esse ímpeto, que quer fundamentar o sentido em matéria e não em conceito; ao colocar-se diante da cruz (colocando este corpo diante da cruz), busca ultrapassar o significado da imagem (que é o sentido cristão, universalmente meditado) rumo a seu referente, que é a cruz material, esse lenho cruzado de que tenta, pelos sentidos imaginários, captar todos os atributos circunstanciais. Essa escalada em direção à matéria, que formará o essencial do realismo devoto cuja "revoltante crueza" deplorava Renan, é conduzida à maneira de uma fantasia consciente, de uma improvisação regulamentada (não é este o sentido do *Phantasieren* musical e freudiano?): no cômodo fechado e escuro onde se medita, tudo está pronto para o encontro fantasmático do desejo, formado no contato do corpo material e da "cena" vinda de alegorias de desolação e dos mistérios evangélicos (Barthes, 1990 p 61).

Fantasias conscientes, sentido material, em que o praticante viveria no corpo e na alma os ensinamentos da verdadeira vida cristã, aquela que viveram os santos e mártires, em defesa da Igreja e contra os inimigos de Deus, segundo o entendimento de Loyola (1966). Renasceria como cristão, através das imagens e imaginações que lhe viriam a mente, guiadas pelo diretor espiritual, e, das dores do corpo: nos cortes do ferro a comer-lhe a carne, mas também, das lágrimas pelo sofrimento de ver, com a vista interior, Cristo sendo martirizado à sua frente, morrendo por ele, praticante. O exercitante estaria assim pronto para a luta, junto aos guerreiros de Deus, contra os Seus inimigos que estariam espalhados pelo mundo todo. Dramatização que recebe um efeito especial nos *exercícios*, pois o sacrifício acontece, então, para os sentidos do corpo e da alma.

Tendo como base os *Exercícios Espirituais*, nasceria a Companhia de Jesus com o propósito de falar a linguagem do homem do século XVI, e dos seus anseios quanto a sua crença, muito longe das discussões teológicas da Academia, promovida pelos sábios teólogos, inspirados, sobretudo por Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, como ensina aos diretores espirituais o próprio Loyola (1966). Manual que estará na bagagem (material e espiritual) de viagem dos missionários jesuítas, como importante ferramenta para comunicar-se com os povos desacretitados da fé cristã e católica do velho mundo, ou dos infiéis e mesmo os colonizadores a muito afastados da fé cristã e das verdades de seus ensinamentos no novo mundo. Serão os *exercícios* guia e arma poderosa na luta para atrair para a bandeira de Cristo o maior número de fiéis, infiéis, indecisos, etc. E, sobretudo, livrar da bandeira de Satanás (dos muçulmanos, de Lutero, de Calvino, no Brasil dos carábas e pajés, dos desejos materiais) e do inferno, a humanidade, conduzindo-a a salvação e vida eterna junto às divindades e à Igreja Católica.

O cavaleiro de Pamplona

Ano de 1521, sitiados no castelo de Pamplona estão os espanhóis, sob o reinado do poderoso imperador Carlo V, enquanto isso nos arredores, fazendo um cerco ao castelo, os franceses súditos de François I, rei de França, juntamente com os comuneros, navarreses que não aceitavam a anexação de Navarra à Castela. Entre os *comuneros* estão a família Xavier, também a família Anchieta, provavelmente Juan de Anchieta, pai do futuro jesuíta e beato brasileiro José de Anchieta (Lacouture, 1994, p 20).

A Resistência que se impõe e aos seus companheiros, Ignácio, da casa e solar dos Loyola, encastelado em Pamplona como conta em sua autobiografia é digna de D. Quixote de la Mancha, já que os franceses, com a ajuda dos *comuneros* contavam com 13.000 soldados, enquanto Ignácio quis resistir com mil homens, sendo que seu irmão mais velho, Martin e mesmo o encarregado de defender Pamplona, Francis de Beaumont já haviam abandonado a luta.

O cavaleiro manteve-se firme em seu posto, no entanto, levou um tiro de arcabuz entre as pernas, quebrando a direita e machucando a esquerda, caindo inutilizado. Com sua queda, desabaria seis horas depois os muros da resistência, sem seu principal escudeiro. Fora inicialmente tratado pelos inimigos, admirados por sua coragem e resistência. Dessa luta, desse ferimento e do período em que permaneceu convalescente é que Ignácio tomará a importante decisão que irá mudar sua vida, e, em 1534, com a união dos sete cavaleiros, destes também.

Enfermo e passando por várias operações nas pernas, algumas delas, a seu pedido, para corrigir os defeitos que ficaram, afinal um cavaleiro não poderia ter pernas feias, com ossos saltados para fora. Como iria calçar as elegantes botinas? Chegou mesmo a receber a extrema unção, mas recuperou-se (Loyola, 1987, p 21). Querendo ler os seus costumeiros livros de cavalaria, entre eles o *Amadis de Gaula*, não os encontrou no castelo de seu irmão, pois não era casa de leitores. Sua delicada cunhada, Dna. Madalena de Araoz, por quem Ignácio sentiria uma eterna afeição, ofereceu-lhe as únicas obras que havia por lá então: *a Vida de Cristo* de Ludolfo da Saxônia e *a Legenda áurea*, em vernáculo. Obras populares que contavam a vida de Cristo e a vida dos santos e mártires da mesma forma que eram contados a vida dos famosos cavaleiros medievais. Lera e relera esses livros ficando admirado da vida dos santos, queria ter uma vida gloriosa, como São Francisco, como conta a *Legenda Áurea*:

Um dia que ele entrou, para rezar, na Igreja de São Damião, a imagem de Cristo lhe fala miraculosamente e lhe diz: “Francisco, vá reparar minha casa, pois como tu vês, ela está em ruína! E desde este momento, sua alma se encheu de ternura, e a compaixão do Cristo gravou em seu coração. No seu desejo de reparar a Igreja, ele vendeu tudo que possuía. E ao padre, ele ofereceu o dinheiro... (Voragine, 1998, p. 561)².

ou então, Santo Domingos

Com a morte do bispo d'Osma, Domingos se encontrou quase sozinho a lutar contra os heréticos. Esses o molestavam com zombarias, lhe lançavam lama, lhe cuspiam e outros malefícios, ou ainda, por escárnio, lhe tacavam palha às costas. Eles lhe ameaçavam de morte, mas ele, sem nada reclamar, respondia: Eu não sou digno da glória do martírio, e não tenho ainda mérito pela bem aventurada morte (Voragine, 1998, p 400).

- pensava consigo mesmo Ignácio em seu leito, como nos revela:

Contudo Nosso Senhor o socorria, fazendo suceder a estes pensamentos outros que nasciam de suas leituras. Porque, lendo a vida de Nosso Senhor e dos Santos, raciocinava consigo: "E se eu realizasse isto que fez S. Francisco? E isto que fez S. Domingos?" Assim discorria por muitos assuntos que achava bom, propondo sempre a si mesmo empreitadas difíceis e grandes: e quando as propunha, lhe parecia encontrar em si facilidades para executá-las. (Loyola, 1987, p 23).

Estes pensamentos frutos de uma importante mudança no comportamento do homem leigo medieval, ou do fim do medievo, a leitura silenciosa, a reflexão solitária, não mais apenas para o monge, o ermitão, o religioso, mas para o homem que não era culto como Ignácio, graças ao surgimento e a popularização das obras impressas e da alfabetização (Aries e Charie, 1991, p. 10) teriam um efeito singular para o já famoso e honrado cavaleiro de Pamplona, que o levaria a uma escolha difícil e importante, também interior, marcadamente fruto ainda do espírito Medieval: ser um mártir da Igreja, ou um cavaleiro do rei?

Surge então em seus solitários pensamentos, essa difícil escolha: seguir a vida de cavaleiro em busca de honras e glórias, ou dedicar-se a uma nova vida de penitências e sofrimentos tal qual aquela dos santos e mártires, ou de Cristo. Deixar a bandeira do rei para juntar-se a bandeira de Cristo e lutar por sua Igreja? Essa escolha tornar-se-ia o fundamento dos *Exercícios Espirituais*, pedra angular da Companhia de Jesus.

Ignácio de Loyola comenta para o padre Câmara relator de sua autobiografia, feita em 1555, (1987, p 114), que os *Exercícios* foram iniciados justamente quando esteve diante da difícil escolha, seguir a bandeira de Cristo, ou continuar sua vida de nobre cavaleiro de Pamplona? Ou seja, abandonar os prazeres da vida material e dedicar-se a vida espiritual. Confessa para o relator de suas memórias que até os vinte seis anos de idade tinha sido um homem entregue às vaidades humanas, tinha até mesmo sua dama de devoção.

De muitas vaidades que se lhe apresentavam, uma se apossara tanto de seu coração, que ficava logo embebido a pensar nela, duas, três e quatro horas sem perceber. Imaginava o que faria em serviço de uma senhora, os meios que empregaria para poder ir à terra onde ela se achava, os motes, as palavras que lhe diria, os feitos de armas que empreenderia em seu

serviço. Ficava com isso tão desvanecido que não olhava quão impossível era poder alcançá-la. Porque a senhora não era de vulgar nobreza, nem condessa, nem duquesa, mas seu estado era mais alto que qualquer desses”.(Loyola, 1987, p 22).

Por inferências, interpreta-se que a Dulcinéia de nosso personagem seria a filha de Dona Joana, a louca, Catarina D'Áustria, irmã menor de Carlos V, futura esposa de D. João III (casar-se-iam em 1525), que seria amiga "eterna" de Loyola e da Companhia de Jesus. Ignácio teria assistido a mãe de Catarina trancafiando-a em um castelo. Passou a sofrer em seu pensamento com esse desejo material de viver a vida mundana (libertar a futura rainha de Portugal do Castelo em que estaria presa, imaginam alguns de seus biógrafos), que lhe dava prazer imediato ou entregar-se a vida de Cristo, que lhe ofereceria sofrimento e dor: ir a pé descalço e comendo apenas verduras até Jerusalém, fazer muitas penitências externas e internas, humilhar-se, mas que o fazia sentir uma alegria permanente.

Percebera, fazendo um exame de consciência, início da formulação dos *exercícios*, que na verdade os sonhos e pensamentos que o levavam a desejar a vida mundana eram movidos pelo demônio, enquanto os outros por Deus. Após ter feito a eleição por uma vida santa e ir para Jerusalém, veio-lhe a confirmação divina.

Já se ia esquecendo dos pensamentos passados com a força dos santos desejos que alimentava, quando uma visita do céu os confirmou desta maneira. Estava uma noite acordado, quando viu claramente uma imagem de Nossa Senhora com o santo menino Jesus. Com esta vista, por espaço notável, recebeu consolação muito excessiva e ficou com tanto asco de toda a via passada e especialmente dos pecados da carne, que parecia terem-lhe tirado da alma todas as imagens que antes tinha nela pintadas (Loyola, 1987, p 24).

A eleição em seguir a bandeira de Cristo, com a confirmação da própria divindade é que se tornarão os *Exercícios Espirituais*. Isto é, exercícios para que o fiel possa mergulhar em seu espírito, encontrar-se com Deus, Nossa Senhora, Cristo, e assim poder discernir (termo muito usado por Ignácio) entre as várias moções que invadem a alma aquelas dos demônios ou das divindades do bem, com a ajuda das próprias divindades.

Neste mesmo momento de eleição para Ignácio, uma importante decisão está sendo tomada e a escolha seria, para Loyola e seus seguidores, inspirada pelo demônio, com quem o futuro mestre da Companhia de Jesus irá se defrontar: o monge Martin Lutero *professa publicamente doutrinas julgadas heréticas por Roma, em 1517, e se colocava em batalha contra a autoridade da Santa-Sé e finalmente, em 1521, se via eliminado, por um ato solene da comunicação aos fiéis romanos* (Febvre, 1968, p 8).

Nasce então o Peregrino

A escolha a ser feita por Loyola teria que ser radical, como seria para todos os companheiros do pacto de 1534. Para seguir a bandeira de Cristo, e encontrar a vida verdadeira teria que deixar para trás toda sua vida de nobre cavaleiro a serviço do Duque de Najéra e vice-rei de Navarra, Antonio Manrique de Lara, esquecer sua Dulcinéia, para tornar-se um peregrino. Um religioso que muitas vezes, por suas visões e por causa dos *Exercícios Espirituais* que praticava e seduzia a outros (principalmente outras) praticarem,

fora investigado pelos tribunais do Santo Ofício como um dos *iluminados* que se espalhavam, sobretudo pelos países ibéricos.

Decidido, então, na casa de seu irmão, a tornar-se peregrino, com a ajuda de Nossa Senhora e do menino Jesus, mesmo ainda doente, segue para Jerusalém. No caminho ficará por quase um ano em Manresa onde realizará muitas penitências a fim de pagar pelos erros do passado, seus e da humanidade. Já são os *Exercícios Espirituais* na prática.

Toda a semana perseverou sem meter nada na boca, sem deixar de se entregar aos costumados exercícios, mesmo de ir aos ofícios divinos, de fazer oração de joelhos e até de levantar-se à meia noite... Ao terceiro dia, porém, terça feira, estando em oração começou a recordar seus pecados e como se estivessem atado num fio, ia pensando de pecado em pecado pelo tempo passado, e lhe parecia de novo que estava obrigado a confessá-los outra vez. Mas no fim destes pensamentos vieram uns desgostos da vida que abraçara, com alguns ímpetos de largá-la. Com isto quis o Senhor que despertasse como de um sonho. Como já alcançara alguma experiência da diversidade de espíritos, com as lições que Deus lhe dera, começou a considerar os meios pelos quais viera aquele espírito..."(Loyola, 1987, p 38).

No caminho tem muitas visões: vê com os olhos do entendimento elevar-se em seu espírito a Santíssima Trindade em figura de três teclas. Com alegria sente que Deus imprime em seu espírito, o modo como criara o mundo. Vê, também, uma coisa branca da qual saíam alguns raios e dela fazia Deus luz. Viu ainda claramente, com os olhos interiores, a humanidade de Cristo e sua figura, que lhe parecia como um corpo branco, não muito grande, nem muito pequeno, mas não enxergava nenhuma distinção de membros (cf Loyola, 1987, p 43).

Uma Serpente aparece-lhe constantemente e em todos os lugares, é o demônio. Descobre que estas visões são as tentativas do espírito mau em lhe desviar do caminho. Antes de continuar em sua missão é preciso purgar-se de todos os pecados a fim de livrar-se das admoestações e seduções do demônio, da serpente. No ano que esteve em Manresa, faz penitências, purgações para estar totalmente purificado de sua vida antiga. Quase morre pelo rigor das penitências que se impôs. Finalmente, livre das moções do diabo, ajudado por Jesus e pela Virgem Maria segue para Jerusalém. Primeiro irá a Roma pedir permissão e Benção ao então papa Adriano VI. Em Veneza aguarda as embarcações como mendicante, é reconhecido por um nobre espanhol que lhe dá abrigo e o conduz ao doge veneziano André Gritti. Enquanto aguarda para seguir viagem tem a oportunidade de participar de duas das principais festas da cidade, uma das bodas místicas da Senhoria com o Mar e a do Corpo de Deus.

Em Jerusalém quer ficar para salvar almas, que esta é sua missão revelada diretamente por Deus, mas os franciscanos que são os padres guardiões dos lugares sagrados e que tomam conta da cidade, sob a vigilância dos turcos, não o deixam ficar, pois ele seria mais um para ser alimentado, o que já está difícil sem ele. Ignácio que sonhara em tornar-se um mártir como os outros, quem sabe morrendo uma morte gloriosa na tentativa de libertar a cidade Santa vê esse sonho desfazer-se no ar, pois não há nada a fazer por lá.

Já experiente em entender os desígnios de Deus, prático nos exercícios, percebe que ficar em Jerusalém não era Vontade Divina. Uma nova escolha é preciso ser feita. Retorna, então para a Espanha e toma uma importante decisão, irá estudar. Uma nova escolha surge: de mártir a cavaleiro de Jesus. Percebera, afinal, (antes que Dom Quixote) que os livros da

Legenda Áurea e da *Vita Cristi* eram apenas belas histórias? Ou o inverso, que a verdadeira vida está nos livros e não na realidade?

Inicialmente em Barcelona, irá estudar a gramática com um professor particular seu amigo, depois passará para Alcalá, a célebre escola humanista fundada pelo Cardeal Francisco Jiménez de Cisneros. Parece ser em Alcalá que o peregrino munido de seu poderoso instrumento de sedução, os *Exercícios Espirituais*, irá iniciar o projeto de sua Companhia.

Em Alcalá exercitava-se em dar Exercícios Espirituais e declarar a doutrina cristã. Com isto fazia fruto para a glória de Deus. Muitas pessoas subiram da alta notícia e gosto de coisas espirituais (*sic*). Outras sofriam várias tentações, como uma que querendo se disciplinar, não o podia fazer, como se lhe detivessem a mão. Estes e outros fatos causavam rumores no povo, principalmente pelo muito concurso de gente que havia onde quer que ele estivesse explicando a doutrina...(Loyola, 1987, p. 66).

Em um período em que as idéias consideradas heréticas pela Igreja Católica surgiam de todos os lados e leigos, ignorantes, iluminados (*alumbrados*) e muitos fanáticos religiosos queriam tomar o espaço que pertencia unicamente a Igreja Católica, não era de se esperar menos dos inquisidores do que prender aquele "louco", que, ignorante das coisas da fé, queria ensinar a doutrina cristã e aplicar *Exercícios Espirituais* e com isso seduzir importantes pessoas da comunidade.

Como acima se disse, havia um grande rumor, por toda aquela terra, dos sucessos de Alcalá, e quem falava de um modo e quem de outro. Chegou isso até Toledo aos ouvidos dos inquisidores. Vieram a Alcalá, foi avisado o peregrino pelo hospedeiro deles, dizendo-lhe que lhes chamavam "os *ensaialados (sic)*" e creio que "iluminados", e que iriam fazer carnificina neles. Começaram a fazer pesquisa e processo de sua vida. Por fim voltaram a Toledo sem chamá-los, tendo vindo só Figueroa, que agora está com o imperador (Loyola, 1987, p. 67).

Chamado por Figueroa, no final do processo, o vigário relatou que nada de estranho fora encontrado em sua doutrina pelos inquisidores, que poderia continuar fazendo o que fazia sem impedimento. Uma única exigência foi feita pelo inquisidor, que Inácio e seu companheiro Arteaga deveriam tingir seu hábito de preto, não sendo eles religiosos. Calixto e Cáceres teriam que tingir seu hábito em laranja, Joãozinho o rapazinho poderia continuar do mesmo jeito que estava. Mais tarde Figueroa manda Ignácio, que andava descalço, que se calce. Quatro meses depois será novamente investigado por Figueroa, sem ser convocado. Mais tarde será preso, ficará dezessete dias sem saber do que se trata, praticando os exercícios na cadeia a quem o procurava.

Entre as muitas pessoas que seguiam o peregrino, havia uma mãe e uma filha, ambas viúvas: a filha era muito moça e muito bela. Ambas tinham entrado em espírito, principalmente a filha. E tanto, que sendo nobres, tinham ido à Verônica de Jaén a pé, não sei se mendigando e sós. Isto levantou grande celeuma em Alcalá. O doutor Ciruelo³, que tinha alguma proteção delas, pensou que o peregrino as induzira e por isso o fez prender. (Loyola, 1987, p. 70).

É importante a sentença final dada pelo notário, pois que coloca Ignácio no percurso que o levaria à Paris.

Desde o dia de sua entrada no cárcere até que o tiraram dele, passaram-se quarenta e dois dias. No final deles, quando as duas devotas já tinham voltado, foi o notário ao cárcere a ler-lhe a sentença: "Ficava livre se, se vestisse como os outros estudantes. Não falassem de assuntos de fé dentro de quatro anos em que estivessem estudando, pois não eram letrados". Na verdade, o peregrino era o que mais sabia, e mesmo assim com pouco fundamento. Aliás, era a primeira coisa que costumava dizer quando o examinavam. (Loyola, 1987, p. 72).

Estava claro para Ignácio em luta, não mais para retomar Jerusalém das mãos dos turcos, mas para trazer para a bandeira de Cristo, na luta contra Lúcifer (Calvino, Lutero, entre outros inimigos da Igreja Católica), as almas perturbadas, o que deveria fazer, já que segundo ele mesmo concluiu "parece que tapavam a porta para aproveitar às almas por ele não ter estudado os fundamentos da fé." (Loyola, 1987, p. 72). Deveria, portanto, estudar esses fundamentos.

Com a ajuda do arcebispo de Toledo simpático do humanismo de Erasmo, Alonso de Fonseca e Azevedo, consegue ajuda para ir a Salamanca, cidade universitária em esplendor na época.

Os cavaleiros de Jesus

Ignácio fez parte da nobreza espanhola, foi cavaleiro de Carlos V, o poderoso imperador, esteve como um dos representantes do rei no perdão concedido aos *comuneros*, entre eles os Xavier e Anchieta. Este nascimento o ajudaria sem dúvidas a abrir portas, explicaria suas relações com bispos, reis e rainhas, sendo um misto de peregrino, religioso e elemento sob as luzes da Inquisição. Quando decide tornar-se um mártir indo à Jerusalém, inspirado pela *vida de Cristo*, pela *Legenda Áurea*, e confirmado pela visão da Virgem Maria e do menino Jesus, torna-se um místico, quase morrendo com suas penitências, tendo visões e mais visões.

Chegando a Jerusalém, com a ajuda providencial de nobres amigos de Barcelona, fica frustrado com a inócua possibilidade de tornar-se um mártir, apesar da tentativa, que, para mim, não passaram de fantasias quixotescas: conta Ignácio em sua autobiografia que em Jerusalém saíra à noite sozinho, correndo grande perigo de vida, para ir ao monte das Oliveiras, depois ao santo Sepulcro. Acaba apanhando dos guias franciscanos, que ficaram com medo dele ser morto pelos turcos...enfim (Loyola, 1987, p 59). Frustrado em sua empreitada de tornar-se um mártir imitando a vida de Cristo e dos Santos e mártires, parece sentir que seria preciso ir além de sofrer, penitenciar-se, lutar sozinho, era necessário arregimentar almas para a bandeira de Cristo em luta contra o demônio, nesse momento os infiéis que tomaram Jerusalém, mais tarde contra outros inimigos, os luteranos.

Os *Exercícios Espirituais* seriam o instrumento para esse novo caminho, já que os formulara de sua prática de vida, quando conseguiu discernir o que em seu espírito era obra dos demônios e o que queria dele as divindades. E, a partir dos exercícios estava conseguindo companheiros, seguidores para sua luta, afinal mesmo pessoas importantes de Alcalá haviam se tornado suas "devotas". No entanto, uma pedra gigantesca aparecera em Alcalá para obstar-lhe o caminho: os inquisidores tinham visto semelhanças e identificação de sua doutrina, de seus *exercícios* com as atividades religiosas dos *alumbrados*. Fanáticos religiosos que se diziam iluminados pelo próprio Espírito Santo que lhe conferiam poderes de praticarem a religião do modo que a entendiam e não conforme a Igreja Católica. Com a

Igreja Católica em uma intensa crise moral, a Reforma a todo vapor, as discussões intermináveis dos teólogos, os *iluminados* teriam certamente em torno de si um grande número de seguidores. Não é difícil perceber o porquê de tanta preocupação por parte da Igreja, com eles e seus adeptos e agora com Ignácio.

Em um edito da graça, (editais proclamados pela Igreja, que concediam perdão para quem confessasse práticas religiosas heréticas) é possível ter uma idéia do que pensavam deles os inquisidores e fundamentalmente as semelhanças com os exercícios de Loyola:

Resumimos aqui alguns dos pontos censurados nesse edito: *a apologia da oração mental*; desprezo pelas obras; união com Deus sem o castigo da carne; a recusa dos exercícios corporais; a crítica dos sacramentos da Igreja, das imagens, das práticas de jejum e da submissão aos padres; o elogio da comunhão sob as duas formas; *a promoção de mestres espirituais fora das estruturas da Igreja*, onde as mulheres têm um papel decisivo; as reuniões coletivas e a *administração do sacramento da penitência sem autorização*; a desobediência das mulheres aos seus maridos, das jovens às suas mães ou dos penitentes aos seus confessores, o sopro na boca das jovens depois da comunhão; a procura de união com Deus através de atos desonestos, toques e carícias (Grifos nosso) (Bettencourt, 2000, p 159).

Três pontos são relevantes do trabalho espiritual praticado pelo peregrino, destacados no texto, que se assemelham e muito com aquilo que era denunciado pelos tribunais do Santo Ofício como obra herética dos iluminados. Apologia a oração mental: a decisão de Ignácio em seguir a vida de Cristo, foram atos de uma experiência toda ela mental, que se tornou o princípio dos *Exercícios Espirituais* ensinado por Loyola aos seus seguidores. "Mestres espirituais fora das estruturas da Igreja": ele e seus companheiros realizavam os *exercícios* e conversavam sobre as coisas da fé sem serem religiosos. Administração do sacramento da penitência sem autorização: aplicar penitências é o ponto forte da primeira semana de *exercícios*.

Estas semelhanças, sobretudo na Espanha levaria Ignácio ser requisitado outras vezes pelo Santo Ofício a dar explicações e o leva a uma nova escolha. Não havia dúvidas, para lutar pela fé Católica seria preciso estar dentro das estruturas da Igreja. Mais uma prisão e uma proibição definirão essa escolha:

O subprior...começou por perguntar o que tinham estudado. O peregrino respondeu singelamente Entre todos nós, o que mais estudou sou eu, e lhes declarou o pouco que estudara e o pouco fundamento com que o fizera. E o subprior, questiona, mas então o que é que pregam? Nós, diz o peregrino, não pregamos; mas conversamos com alguns familiares sobre coisas de Deus, depois de comer com algumas pessoas que nos convidam. Mas, pergunta o frade, de que coisas de Deus falam? Isso é o que desejávamos saber Falamos, diz o peregrino, ora de uma virtude, ora de outra com louvor; e com repreensão ora de um vício, ora de outro. Os snrs não são letrados, diz o frade, e falam de virtudes e de vícios : ora disso ninguém pode falar senão de duas maneiras: ou por letras ou pelo Espírito Santo. Não por Letras, logo pelo Espírito Santo!"[e isto do Espírito Santo é o que queríamos saber] (Loyola, 1987, p. 76)".

Evidentemente Ignácio percebeu onde queria chegar o frade e calou-se. Saber das virtudes e dos vícios pelas letras, através dos ensinamentos dos padres, ou diretamente

iluminadas pelo Espírito Santo, como os heréticos *alumbrados*. Ignácio não era padre nem letrado, logo... O frade diz então que ele precisa falar, afinal a tantos erros de Erasmo e de outros enganando o mundo...Ele e seu companheiro Calixto foram presos inicialmente na Igreja depois no cárcere com corrente nos pés. Os outros dois companheiros foram presos depois. Foram examinados por três juízes para explicar principalmente a doutrina, e sobre os *Exercícios Espirituais*. A questão dos exercícios em que estava preocupando os juízes:

...quando falavam dos *Exercícios*, insistiram muito num ponto que se encontrava no princípio do livro: quando um pensamento é pecado venial e quando é mortal" A questão era que, não sendo letrado, ousara determinar aquilo. Ele respondia-se "se isto é verdade ou não determinem-no os Snrs. se não é verdade condenem-no!" E por fim eles foram-se, sem condenar nada. (Loyola, 1987, p. 79)".

Durante seus dias de prisão estive o peregrino pensando sobre uma nova escolha, estudar para melhor aproveitar às almas e quem sabe ajuntar alguns de mesmo propósito, conservando seus companheiros. Parece que é nesse momento que irá sair de cena o Peregrino e entrar o Cavaleiro de Jesus.

Após mais 22 dias presos receberam a sentença final sobre o que faziam e foram proibidos de definir o que era pecado venial ou pecado mortal, podendo fazer isso apenas após quatro anos de estudo. Ignácio percebeu que não poderia ficar mais em Salamanca, afinal a proibição fechava as portas para sua intenção. Resolve ir para Paris.

Ignácio após a decisão de Salamanca dirigiu-se, em uma mula, à Paris indo direto inscrever-se no famoso e rigoroso colégio de Montaigu, uma espécie de curso introdutório para o colégio de Santa Bárbara e para a Universidade de Paris.

Instalou-se numa casa com alguns espanhóis, e ia estudar humanidades em Monteagudo. A razão disso era achar-se muito falto de fundamentos, pois o fizeram passar adiante nos estudos com muita pressa. Estudava agora com os meninos, passando pela ordem e método de Paris (Loyola, 1987,p 83).

Mesmo em Paris, Ignácio se auto-intitulava o peregrino. Passara pela experiência em viver no disciplinado colégio das pulgas, como se referem as personagens *Grandgousier* e *Ponócrates*, de *Gargântua e Pantagruel*, ao colégio de Montaigu (Rabelais, 1991, p. 157). Com a fama de fanático religioso, feiticeiro, quando estava no colégio das pulgas, teria enlouquecido alguns nobres estudantes de lá, assim como a Amador, do tradicional e importante colégio de Santa Bárbara. Com seus *Exercícios Espirituais*, pelo menos três filhos importantes de famílias espanholas, abandonaram tudo para viver no hospital São Jacques, como mendicantes. Na voz do próprio Ignácio:

Levantaram-se em Paris grandes murmurações, principalmente entre espanhóis, contra o peregrino. Mestre Gouveia⁴ dizia que tornou louco a Amador, morador de seu colégio, e decidiu e afirmou que a primeira vinda a Santa Bárbara lhe mandaria dar uma "sala", como sedutor de escolares (Loyola, 1987, p, 86).

O colégio de Santa Bárbara era o desejo daqueles que iam a Paris e tinham a intenção de entrar na Universidade dessa cidade. Tinha como reitor Diego de Gouveia, o velho, que aceita Ignácio após este escrever um documento dizendo que se dedicaria aos

estudos e não a pregações. É colocado em um quarto, na torre, visível por todos os lados, lugar em que estão os mais experientes alunos, entre eles Pierre Favre e o professor Juan de la Peña, além de Francisco Xavier. A idéia é vigiá-lo. Nem bem inicia seus estudos e já estabelece junto a si um grupo de alunos para falar das coisas da fé. Perturbando os jovens com suas pregações, é levado “a sala” lugar em que os alunos de mau comportamento eram conduzidos a fim de serem disciplinados na frente dos seus companheiros. Diogo da Gouveia, o principal do colégio, ouvindo a Ignácio, talvez por sua idade, e fama, resolve desconsiderar a idéia de aplicar-lhe o corretivo.

Perdoado, Ignácio inicia seu jogo de sedução a fim de encantar seus dois jovens e brilhantes companheiros de quarto, Francisco Xavier e Pierre Favre, para arregimentar figuras importantes para serem seus seguidores. No entanto, nem Favre, muito menos Xavier, caíam nos "encantos" do peregrino facilmente. Xavier era um fidalgo que "teria garantido uma prebenda eclesiástica na diocese de Pamplona. Torna-se um parisiense. Belo, vigoroso, petulante, agitado em todos os sentidos; eloqüente nas disputas, ardente nos debates, consagra-se campeão de salto em altura da ilha de Notre Dame..." (Lacouture, 1994, p 71). Orgulhoso e ambicioso zombava de Ignácio, ridicularizava-o em sua vida de mendicante e ignorante. Enquanto isso Pierre Favre, mais amável, erudito conhecedor de Aristóteles, tem com o peregrino um relacionamento intelectual. Apenas após dois anos de relacionamento com o envolvente religioso é que Favre irá dedicar-se a uma convivência espiritual e decidir-se pela vida religiosa, isto em 1531, antes queria ser médico.

Mas, é com os *Exercícios Espirituais* que Loyola seduz definitivamente seus companheiros para entrar com ele na luta contra os inimigos de Deus. Favre praticará os *Exercícios Espirituais* em 1534, no ano do pacto.

A experiência dos Exercícios realizados por Favre sob a direção de Loyola, como ninguém ainda provavelmente pôde "faze-los", numa entrega, num abandono total, merece nossa atenção por um instante: é como se ele atirasse uma tocha de fervor devorador sobre o currículo universitário clássico que acaba de concluir. Em fevereiro de 1534, o licenciado saboiano tranca-se num casebre isolado do bairro de Saint-Jacques, ao lado da atual Val-de-Grâce. O inverno é terrível: as carroças atravessam o Sena gelado. Pierre usa como cama a lenha que lhe dão para se aquecer a fim de avivar seu sofrimento. Fica oito dias sem se alimentar, recusando os goles de vinho que lhe oferece Ignácio, e chega a passar várias noites ajoelhado na neve. É preciso que Loyola - o ermitão irsuto de Manresa - assustado, o obrigue a pôr fim a essa insensatez. (Lacouture, 1994, p 70)

Serão os exercícios que forjarão os cavaleiros de Jesus, e estes, tendo-os como arma, se tornarão valentes soldados espirituais defensores da Igreja Católica se esparramando pelo velho e novo mundo.

Para Finalizar: “a obediência de cadáver”.

Desde antes de sua constituição formal pela Igreja Católica, sairiam os cavaleiros de Jesus pelo mundo a fim de transformá-lo em cristão e católico. Os jesuítas se dedicariam a formar quadros para a luta contra os inimigos da Igreja, onde eles estivessem. No fervor das cidades européias, na Irlanda, do rei Henrique, para onde se dirigiram Bröet e Salmeron. Na Alemanha de Lutero, para onde foi Pierre Favre. Para as Índias Orientais, com Francisco Xavier ou em meio à mata, no caso a Mata Atlântica, para onde se

dirigiriam os jesuítas liderados por Manoel da Nóbrega, em 1549. A missão dos cavaleiros de Jesus seria resgatar a fé dos fiéis, na Igreja Católica, ou trazer para ela os infiéis do novo mundo. Na bagagem (material ou espiritual) como arma para essa luta os *Exercícios Espirituais*, que estarão presentes como exercícios mentais para formar as consciências, como também apareceriam na seiva que circula em todas as ações dos inicianos: nas festas religiosas, no maravilhoso teatro jesuítico, nos sermões, e sobretudo na educação do povo.

Dos *exercícios*, também, os novos jesuítas levariam o famoso princípio: ser tudo a todos. Nesse princípio, talvez esteja a razão da importância sem par na missão evangelizadora pelo mundo da Companhia de Jesus.

Grande fama conquistou aquele postulado de Loyola que se encontra reproduzido de maneira análoga nos Exercícios e do qual foi tirada a expressão da "obediência de cadáver" dos jesuítas: "aliás, eu não devo querer me pertencer, e sim ao meu Criador e a seus representantes". É necessário que eu me deixe guiar, mover, assim como uma bola de cera se deixa plasmar, devo me comportar como um morto sem vontade e sem opinião, como um pequeno crucifixo que se deixa remover de um lugar para outro, como um bastão na mão de um velho, afim de que ele me coloque onde bem lhe aprouver onde possa fazer melhor uso de mim. Assim devo estar sempre à mão, afim de que a Ordem sirva de mim e me utilize a maneira que julgar conveniente..." (Miller, 1935, p 34).

E, assim, no ano de 1540, em Lisboa, Francisco Xavier e Simão Rodrigues, antes mesmo de a Companhia de Jesus ter sido aprovada como ordem religiosa católica, pelo conselho de cardeais e pelo papa Paulo III, preparam-se para a viagem para as Índias Orientais. Francisco Xavier (Simão Rodrigues a pedido do monarca ficaria retido em Lisboa), o antigo boêmio de Paris, agora uma bola de cera nas mãos de Deus e seus representantes - Loyola, D. João III, Paulo III entre outros - após um ano em Lisboa seguiria sua viagem para o novo mundo a fim de salvar almas e evangelizar os infiéis. Deixa para trás Lisboa este mundo misturado entre o antigo: os autos de fé em que figuram todas as práticas medievais de intolerância religiosa, e o novo: os novos conhecimentos, as novas idéias que circulam trazidas pelas naus, pelas escolas, colégios portugueses.

Francisco Xavier mergulhará nas densas brumas do oceano Atlântico, e, após a uma difícil viagem ora com tempestades amedrontadoras, depois excessos de sol e calma, chegaria à Índia.

Apesar de ter sido preparado como um verdadeiro guerreiro, espiritual, obediente como um cadáver e formado espiritualmente com exercícios rigorosos para a conquista dos povos, Xavier ao chegar em Goa, na Índia, perceberia imediatamente que o novo mundo não seria um lugar pronto para receber as palavras da verdadeira fé, de Deus, trazidas por ele. O primeiro missionário jesuíta do novo mundo encontraria um lugar tão corrompido ou mais que no velho mundo, sobretudo pelos mercadores espanhóis e portugueses. Ficaria por lá quase oito anos sem nada realizar. Chegaria mesmo a escrever cartas ao rei D. João III, pedindo para que este mandasse gente de bem, pois que senão nada de bom resultaria do desejo de levar a verdadeira fé para aqueles lugares tal o clima de promiscuidade que viviam os portugueses. Em 1549, resolve ir para o Japão, já que teria esse povo "ouvidos" prontos para as palavras da verdadeira fé. Nada feito, as coisas não caminharam bem e apesar da luta, nada havia conquistado, a não ser a percepção de que afinal a China seria um lugar propício para a Catequese. Chamado de volta em 1552, por Loyola, morre Francisco Xavier provavelmente na viagem. Seria o segundo dos companheiros de

Montmartre a morrer, já que Pierre Favre havia morrido, de fadiga, segundo seus biógrafos, em 1546.

Mesmo tendo morrido sem conquistar muitos fiéis, Xavier no novo mundo e Favre no velho, abririam caminhos (até em alguns lugares improváveis) para o estabelecimento da Sociedade de Jesus e seu método de formação de guerreiros espirituais e de defensores da Igreja Católica, que se espalhariam pelo mundo (de) formando, reformando a crença religiosa e a própria cultura do povo desses lugares.

Os jesuítas, “obedientes como um cadaver”, para transformar a cultura dos povos assimilariam antes essa cultura, os costumes, a língua, linguagem para então mudá-la, arrematá-la, trocá-la pela cultura cristã (católica). Bosi, (1992, p. 92) se reportando a essa pedagogia de um dos nossos primeiros jesuítas, José de Anchieta, assim escreve:

O missionário que se volta para o índio, prega-lhe em tupi e compõe autos devotos (e, por vezes, circenses) com o fim de convertê-lo, é um difusor do salvacionismo ibérico para quem a vida do selvagem estava imersa na barbárie e as suas práticas se inspiravam diretamente nos demônios. As cerimônias indígenas resumiam-se, em última instância, ao fenômeno da tentação vitoriosa. O mal se abatia, como uma cobra, sobre os participantes dos cantos, das danças, da cauinagem, do rito antropofágico. O fora dominando o dentro, a pura exterioridade, a mais brutal reificação: esta a imagem que os jesuítas conceberam e nos legaram das festas tupi. Não admira, portanto, que as mensagens fundadoras e originais do cristianismo, como a igualdade de todos os homens e o mandamento do amor universal, tenham sofrido, no processo de catequese, um alto grau de entropia. A pedagogia da conversão apagava os traços progressistas virtuais do Evangelho fazendo-os regredir a um substituto para a magia dos tupis. No entanto, a poesia de Anchieta que escreve líricas sacras já estava entrando em outro tempo histórico e psicológico, o tempo da pessoa que escolhe aceitar ou recusar o amor de um Deus pessoal e entranhadamente humano.

Essa pedagogia da regressão, de que nos fala Bosi, para conversão do indígena, fazendo uso de um substituto para a magia dos tupis, e, as poesias líricas compostas por Anchieta inscritas em um novo tempo histórico e psicológico, para o homem da Renascença, seriam inspiradas nos princípios básicos dos *Exercícios Espirituais*, ou seja, falar com o fiel, com o praticante, em sua língua e na sua própria linguagem.

Em sua experiência de vida, junto a “arraia miúda”, Loyola percebera que os inimigos de Deus, da Igreja Católica, aqueles que se alistavam na bandeira do Mal (inimigos aqui seriam Satanás, Lúcifer, mas também Lutero, Calvino e seus discípulos, os muçulmanos, no Brasil os caraíbas e pajés, entre outros) eram muito mais perigosos e faziam muitos estragos no interior, no espírito humano, com suas enganações, seduções, idéias (peregrinas). Para vencê-los seriam necessárias armas eficientes na luta contra esse poder conquistado a partir da palavra e não do ferro e do fogo. A arma, na Europa de Loyola, seria uma linguagem que pudesse ser compreendida pelo fiel, no caso o homem do povo. Linguagem que estaria longe dos discursos da fé promovidos pelas Universidades, academias, monastérios, pelo Latim da Bíblia, mas, aquela que o homem “comum” pudesse entender e viver tal qual entendia vivia intensamente nos mistérios, nos martírios que circulavam em obras vernáculas como a vida de Cristo, a Legenda Áurea, ou o livro de horas com suas figuras. Também nos dramas religiosos cristãos, como o Martírio de São Lourenço, ou da Paixão de Cristo, que aconteciam nos adros das Igrejas, nas ruas das

idades européias, entre outras formas populares de vivenciar a religião. Os *exercícios espirituais* se tornariam essa linguagem, pois com a ajuda de um guia espiritual, uma espécie de diretor teatral, o praticante criaria em sua mente o drama religioso de acordo com seus conhecimentos, sua imaginação, suas possibilidades de criação. Teatro mais eficiente ainda, já que o praticante era tanto ator e espectador como criador das cenas. Nessa linguagem era possível para os jesuítas falarem tanto aos nobres como aos mendicantes.

Os *exercícios* que tornar-se-iam a base de formação do jesuíta foram aprovados pelo papa Paulo III em 1548. Seriam uma de suas mais poderosas armas para a (de) formação, reformatão do fiel, infiel.

Bibliografia:

- ARAÚJO, Renata de (1990). *Lisboa A Cidade e o Espectáculo Na Época dos Descobrimentos*: Lisboa: Livros Horizontes.
- ARIES, Philippe, & CHARIER, Roger (1991). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 8ª edição.
- BAKHTIN, M., (1999) *A Cultura Popular Na Idade Média e No Renascimento: O contexto de François Rabelais*; tradução de Yara Frateschi, 4ª ed., São Paulo- Brasília: Edunb e Hucitec.
- ____ (1999 a). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*; prefácio de Roman Jakobson, apresentação de Marina Yaguello, tradução de Michel Lahus e Yara Frateschi Vieira; 9ª ed., São Paulo: Hucitec.
- BARTHES, Roland (1993). *O Prazer do Texto*; tradução J. Guinsburg; 3ª ed., São Paulo: Perspectiva.
- ____ (1979). *Sade, Fourier, Loyola*, tradução: Mário Laranjeira. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense.
- BATAILLE, George (1992). *A Experiência Interior*. Trad. Celso Libânio Coutinho, Magali Montagné, Antônio Ceschin. São Paulo: Ática.
- ____ (1988). *O Erotismo*. Tradução de João Bernard da Costa. 3ª. ed. Lisboa: Edições Antígona
- BATAILLON, Marcel (1952). *Étude sur le Portugal au temps de l'humanisme*. Acta Universitatis Conimbigensis.
- BETHENCOURT, Francisco (2000). *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália – séculos XV - XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*: 2ª ed. São Paulo. Cultrix, 1970.
- ____ *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CERVANTES, Miguel de (2004). *Don Quijote de La Mancha*. Presentación: Una Novela Para el siglo XXI: Mario Vargas Llosa; La Invención Del Quijote: Francisco Ayala; Cervantes y el Quijote: Martín de Riquer; Nota al Texto: Francisco Rico; La lengua de Cervantes Y el Quijote: José Manuel Blecua, Guillermo Rojo, José Antonio Pascual, Margit Frenk, Claudio Gullén. Real Academia Española.
- CURTIUS, Ernst Robert (1957). *Literatura Européia e Idade Média Latina*; Tradução por Teodoro Cabral, com a colaboração de Paulo Ronai; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

- FEBVRE, Lucien (1968). *Au Coeur Religieux du XVI siècle*, 2^{ed.}, Paris: Bibliothèque Générale de L'École Pratique des Hautes Études.
- FOUCAULT, M, (1998). *A Ordem do Discurso*; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio; 4^a ed., São Paulo: Edições Loyola.
- ____ (1999). *As Palavras e as Coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail, 8^a. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- ____ (1993). *Microfísica do Poder*: Rio de Janeiro, Graal. 1993
- ____ (1977). *Vigiar e Punir*; tradução de Lígia M. Pondé Vassalo; Petrópolis: Editora Vozes.
- HANSEN, João Adolfo (1987). *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*, 2^{e.}, São Paulo: Atual.
- HERNANDES, Paulo R. (2006). *Meravíglia o Teatro de José de Anchieta*. Campinas [s.n.] (tese de Doutorado)
- ____ (2007). Os Exercícios Espirituais e o Teatro em: *Educação História e Cultura no Brasil Colônia*. São Paulo: Arké.
- LACOUTURE, Jean (1994). *Os Jesuítas 1: os conquistaadores*; tradução de Ana Maria Capovilla. – Porto Alegre: L&PM.
- LEITE, Serafim S.J. (comissão do IV centenário da cidade de São Paulo). *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil* vol. 1 - 1538 - 1553.
- LEITE, Serafim S.J.(1940). *Novas Cartas Jesuíticas, De Nobrega a Vieira*. São Paulo, Rio, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional.
- LOYOLA, Inácio (1987). *Autobiografia de Inácio de Loyola*; Tradução e Notas Pe. Armando Cardoso, S.J.; 3^a ed., São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- ____ (1977). *Diário Espiritual de Loyola, Inácio*. Tradução e notas Pe. Armando Cardoso, S.J. São Paulo: Loyola.
- ____ (1966). *Exercícios Espirituais*. Orientou a tradução e fez anotações: Pe Géza Kövecses S. J. 3^a. ed.. Porto Alegre, 1966.
- LUDOLFO CARTUSIANO. *Livro de Vita Christi*, Edição Fac-Similar E Crítica do Incunábulo de 1495 Cotejado Com os Apógrafos por Augusto Magne, S.J., Ministério Da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa.
- MILLER, René Fülöp (1935). *Os Jesuítas e o segredo de seu poder*. Traduzido pelo prof. Alvaro Franco. Porto Alegre: Livraria do Globo.
- PE. FRANCA, Leonel S.J (1952). *O Método Pedagógico dos Jesuítas – “Ratio Studiorum”* Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1952
- RABELAIS, François (1991). *Gargântua e Pantagruel*; tradução David Jardim Júnior; Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Villa Rica.
- SALVADOR, José Gonçalves (1969). *Cristãos – Novos Jesuítas e Inquisição*; São Paulo: Livraria Pioneira Editora, Editora da Universidade De São Paulo.
- SANTA TEREZA D'AVILA (2001). *Escritos de Tereza de Ávila*, Tradução: Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves; Marcos Marcionilo; Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Edições Loyola.
- VICENTE, Gil (1983). *Obras Primas do Teatro Vicentino*. Edição organizada pelo prof. Segismundo Spina, 4^a ed. São Paulo: Difel - Difusão editorial S.A.
- ____ (1997). *TRÊS AUTOS: Da Alma; Da Barca do Inferno; De Mofina Mendes*. Introdução de Leogedário A. de Azevedo Filho, adaptação de Walmir Ayala, Rio de Janeiro Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.
- VORAGINE, Jacques de (1998). *La Légende dorée*, Traduit du Latin par Teodor de Wyzewa, Éditions du Seuil.

WRIGHT, Jonathan (2006). *Os Jesuítas missões, mitos e histórias*. Tradução André Rocha. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Notas

¹ Estou mencionando povo e não popular, pois o vocábulo popular costumeiramente nos remete a classes menos favorecidas e não é o caso aqui, já que os jesuítas, através do manual de *Exercícios Espirituais*, formulados por Loyola para educação cristã, eram aplicados tanto aos mendicantes, quanto aos nobres.

² Tradução do francês para o português feita pelo autor.

³ Doutor Ciruelo foi um dos eminentes teólogos, o único de Alcalá, a condenar as idéias de Erasmo de Roterdam em uma assembléia de notáveis teólogos, entre eles Diogo Gouveia, estabelecida em junho de 1527, em Valladolid, convocada pelo inquisidor Manrique. (cf. Batallion, 1952)

⁴ Diogo Gouvêa, português, principal do colégio de Santa Bárbara, um dos principais nomes da escolástica e contrário ao humanismo, sobretudo de Erasmo. Irá recomendar, como vimos, os companheiro de Loyola a D, João III.

Artigo recebido em 26/02/2008

Aprovado para publicação em 23/06/2008